Órfãos de Narciso: subjetividade e beleza em discursos e práticas da atualidade

Francisco Vieira da Silva*

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa**

Resumo

Seguindo uma abordagem predominantemente foucaultiana, o artigo analisa os modos pelos quais emergem determinados tipos de subjetividade em discursos e práticas acerca da beleza. Para tanto, analisou-se quatro materialidades que circularam na rede digital (um depoimento, uma reportagem, uma campanha publicitária e uma notícia). Do ponto de vista metodológico, este trabalho inscreve--se no âmbito de uma pesquisa de cunho descritivo-interpretativo e segue uma abordagem qualitativa. As análises do corpus atestam que, nos diferentes posicionamentos em torno da beleza, há a produção constante de subjetividade, de modos por intermédio dos quais o sujeito relaciona-se consigo mesmo e com o outro.

Palavras-chave: Discurso. Subjetividade. Beleza. Para distinguir se algo é belo ou não, referimos à representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação [...] ao sujeito e ao sentimento de prazer ou desprazer (KANT, 1995, p. 47).

Eu me apaixonaria Se você tivesse ao menos uma estria Algum defeito grave, hipermetropia Uma verruga no dedão do pé Talvez até te amasse Se não existisse o espelho entre nós (LEE, ©2003-2016).

Data de submissão: mar. 2016 - Data de aceite: maio 2016

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v12i1.5717

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância pela Universidade Federal da Paraíba. Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Círculo de Discussões em Análise do Discurso. E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com

^{**} Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professor titular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: socorromaia@uern.br

Introdução

Por que me desprezas, belo ser? – perguntou ao suposto espírito – Meu rosto não pode causar-te repugnância. As ninfas me amam e tu mesmo não parece olhar-me com indiferença.
Quando estendo os braços, fazes o mesmo, e sorri quando te sorrio, e respondes com aceno aos meus acenos.
(BULFINCH, 2002, p. 125)

Esse excerto relata o momento crucial em que Narciso se depara com a imobilidade de sua imagem refletida no lago, a quem ele devota, inutilmente, todas as suas atenções. A referência a esse mito clássico para se falar da beleza já é, de certa forma, previsível, pois, de todas as entidades da mitologia grega que nos foram legadas, algumas figuras notabilizaram-se na explicação dos mais variados fenômenos. Em síntese, a alusão a Narciso serve para (re)pensarmos a constituição de si, a subjetividade emoldurada em uma relação de si para consigo, em diversas perspectivas de análise da contemporaneidade, desde a psicanálise à literatura de autoajuda, para citarmos um exemplo.

Partindo desse mito e dos discursos que sobre ele gravitam, este texto propõe uma abordagem em torno de discursos sobre a beleza na contemporaneidade. Tais discursos, concebidos sob a ótica dos estudos de Foucault (2010), são práticas que constroem os objetos de que falam. Atentos à imbricação que as análises foucaultianas estabelecem entre o discurso e a produção de subjeti-

vidade, objetivamos, a partir da análise de algumas materialidades discursivas, estudar o modo como são produzidas subjetividades na atualidade, a partir da intersecção com a formação de discursos acerca da beleza. Esses conceitos de Foucault (2010) estão inscritos no interior de uma perspectiva de análise do discurso praticada no Brasil com base nas ressonâncias desse autor.¹

Para tanto, é necessário situar, ainda que de forma breve, algumas questões que circundam a beleza, no decorrer da história, à medida que, ao tomarmos as análises foucaultianas como mola propulsora de nosso exercício analítico, compreendemos com Foucault (2002) que o sujeito é constantemente (re)fundado pela história. Essa história, conforme entende Sant'Anna (2008), não constitui um bucólico mergulho no detalho antigo, desvencilhado do presente. A perspectiva foucaultiana propugna que é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso na irrupção de acontecimentos, "nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, esquecido, transformado" (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Assim, a discussão acerca do que é a beleza, acerca do estatuto do belo, atravessa boa parte da história ocidental. Desde uma preocupação de natureza filosófica, a partir dos clássicos Sócrates, Platão e Aristóteles, passando por Santo Agostinho, na Idade Média, e por Kant, na era moderna, a problematização a respeito da beleza sempre foi uma regu-

laridade premente. Outras abordagens teóricas, que visam, sobretudo, historicizar as técnicas e as artes do embelezamento, no âmbito da cultura ocidental, foram empreendidas por autores como Vigarello (2006) e Eco (2004). Em uma esfera mais particular, as reflexões de Sant'Anna (2014) dão conta da sistematização dos artifícios utilizados por brasileiros e brasileiras para se tornarem mais belos, conforme critérios pessoais determinados por certas realidades temporais, geográficas e sociais.

Entrecruzando essas abordagens, podemos vislumbrar pelo menos dois modos de constituição de um discurso sobre a beleza. Se, por um lado, a beleza é concebida como um trunfo para quem a possui, um objetivo dos que não se consideram belos, um instrumento de poder, uma moeda de troca em diferentes sociedades (SANT'ANNA, 2014), de modo a engendrar um dado padrão de beleza; por outro, ela é relativizada, inscrita em uma ótica na qual depende do ponto de vista de quem a enuncia, sustentando-se na máxima "está nos olhos de quem vê".

Nessa perspectiva, ao propor uma história da feiura, Eco simula a seguinte situação:

Perguntem a um sapo o que é a beleza, o verdadeiro belo, o to kálon. Ele responderá que consiste em sua fêmea, com seus belos olhões redondos que se destoam na cabeça pequena, a garganta larga e chata, o ventre amarelo e o dorso escuro (2007, p. 12).

O exemplo utilizado por Eco insere as enunciações concernentes à beleza como que moldadas pela percepção do sujeito enunciador, do seu ponto de vista, acerca do objeto sobre o qual disserta.

Essas duas formas de construir discursos acerca da beleza irão atravessar os dizeres contidos no corpus deste estudo, conforme demonstraremos adiante. Defendemos, nesse interim, que esses modos de emergência de discursos sobre beleza, vistos nas especificidades que os caracterizam, serão compreendidos, na esteira de Foucault (2010), como campos de presença, compostos por enunciados já formulados em diversos lugares, que são retomados em um discurso como verdades admitidas. Ou seja, a beleza é tida como algo inalienável e/ou como um padrão, e é relativizada, portanto, destoante de um dado padrão. Esses seriam os dois modos básicos de constituição de discursos sobre a beleza, considerando as condições de aparição e de transformação dos discursos e dos saberes ao longo do tempo.

Convém ressaltar que a análise empreendida neste estudo segue duas direções que, a despeito de não estarem separadas, precisam ser explicitadas, por uma razão de ordem metodológica, quais sejam: em uma direção, pensouse na formação de discursos sobre a beleza, atentando para os elementos que permitem a emergência desses discursos hoje, pensando, com Foucault (2010), a formação dos objetos, das modalidades enunciativas e dos conceitos a partir das regularidades presentes no nosso corpus. De acordo com a proposta deste trabalho, de cunho descritivo/interpreta-

tivo, articulamos uma reflexão em outra direção, que visa rastrear, na tessitura enunciativa desses discursos, quais tipos de subjetividade provêm de tais discursos, isto é, que modos e técnicas a partir das quais o sujeito pode relacionar-se consigo mesmo e com o outro estão sendo postuladas na construção de dizeres acerca da beleza.

A subjetividade, com base nas teorizações foucaultianas, diz respeito, principalmente, ao que o autor denomina de tecnologias do eu (FOUCAULT, 1990). Essas tecnologias, de acordo com o autor, constituem-se em uma série de práticas e operações que, ao longo da história, fizeram (e fazem!) com que o sujeito prestasse atenção sobre si mesmo, no intuito de lançar um olhar sobre si, com vistas a ascender a um estado de transformação, de modificação de si, no cerne de uma dada moral, de forças exteriores que incidem sobre o sujeito.

O corpus deste trabalho foi construído a partir de materialidades que circularam na rede digital. Cientes, com base em Foucault (2010), de que os discursos são produzidos no interior de um arquivo inapreensível em sua totalidade, selecionamos quatro materialidades que denotam um panorama bastante singular da diversidade de discursos em torno da beleza. Assim, o corpus engloba as seguintes materialidades: i) excertos de um depoimento veiculado no site Papo de Homem (Sou rejeitado porque sou feio); ii) excertos de uma reportagem publicada no site da revista Época (A

beleza compensa, em 22 de setembro de 2011); iii) um vídeo de uma campanha de O Boticário, intitulada Acredite na beleza, que está hospedado no site YouTube; iv) uma notícia veiculada no site Bahia Notícia a respeito de uma postagem do governo da Bahia nas redes sociais sobre a valorização da beleza negra.

Para fins de organização do texto, o artigo encontra-se estruturado em quatro secões, além desses comentários de natureza introdutória. Assim, na seção a seguir, o objetivo é discutir alguns conceitos da teoria foucaultiana, especialmente as nocões de discurso, enunciado e subjetividade. Posteriormente, a proposta é de realizar um exercício analítico das materialidades selecionadas para o presente estudo, com base nos conceitos anteriormente expressos. Por último, a seção final procura articular os principais pontos apresentados no decurso do texto, com vistas a postular um efeito de fim.

Radiografia de alguns conceitos de Foucault

Em uma das inúmeras entrevistas fornecidas por Foucault ao longo de sua vida, ele se posicionou do seguinte modo a respeito da multiplicidade de interpretações que sua obra suscitou: "[...] me divirto com a diversidade das maneiras como tenho sido julgado e classificado" (1999, p. 19). Com efeito, a atitude irrisória desse pensador encontra eco em um sem número de tentativas, quase todas

desmontadas pelo próprio filósofo, de inseri-lo em uma dada corrente teórica, no esteio de uma disciplina. Tais tentativas não lograram êxito e geraram controvérsias, especialmente entre historiadores.² porque as teorizações foucaultianas situam-se em uma posição transdisciplinar, haja vista que o autor teceu reflexões aplicáveis ao campo da filosofia, da história, da medicina, do direito, da psiquiatria, da educação, da sociologia, das ciências da linguagem, dentre outras áreas. Isso faz com que o pensamento do autor não possa ser classificado, escandido e, portanto, radiografado no âmbito de uma única vertente do saber. Todavia, é possível pensar com Foucault, conforme nos ensina Courtine (2013), na medida em que o método arqueológico por ele defendido apresenta noções profícuas para a análise das diferentes materialidades, mais precisamente, nos termos de KOGAWA (2015), dos diversos materiais da história.

Nesse sentido, ao pensarmos nas inflexões das noções de Foucault na análise de discurso, é preciso levar em consideração que "[...] reler Foucault não é aplicá-lo a AD, é trabalhar sua perspectiva no interior da AD" (COURTINE, 2009, p. 82). Isso significa dizer que, embora as investigações de Foucault não tenham se centrado sobre uma série de temas, que são preocupações bastante atuais, dentre eles poderíamos situar a beleza. É relevante atentar para o fato de as teorizações desse autor mostrarem-se prodigiosas nos estudos do discurso, pois

articulam, a um só tempo, o sujeito, o discurso, o enunciado e a história, termos essenciais na construção da análise do discurso, conforme postulada no contexto francês, no final dos anos de 1960, sob a figura de Michel Pêcheux (MAZIÈRE, 2005), sendo depois (re)configurada nos estudos realizados no cenário teórico brasileiro, desde a década de 1980, a despeito de o próprio Foucault não ter desenvolvido exatamente uma teoria do discurso, senão artefatos teórico-metodológicos voltados para estudar a formação dos saberes.

Assim, em A arqueologia do saber (2010), obra publicada primeiramente em 1969, Foucault, no intuito de se posicionar em relação a uma infinidade de críticas enderecadas a uma falta de sistematicidade de suas reflexões, é instado a demonstrar o seu método, denominado de método arqueológico. O autor defende que tal método visa, sobretudo, à escavação das diversas camadas de um discurso. Na construção dos saberes, Foucault (2010) salienta que o discurso organiza-se em redes, em feixes, cujas camadas podem ser descritas de maneira minuciosa. Daí o conceito de discurso ser postulado como uma série de acontecimentos discursivos (FOUCAULT, 2006b), de maneira que urge estabelecer a relação que tais acontecimentos mantêm com outros em uma rede discursiva. Ao falar de acontecimento, o autor se contrapõe a uma perspectiva de uma história que preconiza a evolução, a continuidade, a tradição. Noutros termos, a noção de acontecimento diz respeito ao fato de o discurso ser singular, de modo a ser tratado no jogo de sua instância (FOUCAULT, 2010), sem se reportar a uma fonte primeira e original.

O discurso, para Foucault (2010), diz respeito a um conjunto de enunciados que derivam de uma mesma formação discursiva. A conceituação de formação discursiva para o autor francês é a seguinte:

[...] sempre que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e, no caso, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se definir uma regularidade [...] diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (2010, p. 43, grifo do autor).

O enunciado, por seu turno, é compreendido como o átomo, o grão do discurso. Para delimitar as especificidades do enunciado, Foucault (2010) coteja-o com outras noções, quais sejam: a frase, a proposição e o ato de fala. O autor defende que o enunciado distingue-se dessas noções, devido aos seguintes aspectos: i) está na dimensão do discurso; ii) não está ligado a uma estrutura canônica típica da frase; iii) não explicita a intencionalidade de um sujeito falante, conforme postulada pela teoria dos atos de fala, nem tampouco pode ser aferido pelo binômio verdadeiro/falso, como comumente se faz para reconhecer uma proposição. Desse modo, o enunciado é concebido como uma função que abarca: i) um princípio de diferenciação - que delimita o objeto do qual se fala; ii) uma posição sujeito

– para enunciar, é necessário assumir uma posição no discurso; iii) um campo associado – o enunciado constitui um "nó em uma rede", ou seja, relaciona-se com formulações que o precedem e o sucedem, de modo a revelar o funcionamento de um domínio de memória; iv) uma materialidade repetível – diz respeito ao fato de o enunciado estar inscrito em um regime espaço-temporal específico.

Ao conceber o enunciado como uma função. Foucault (2010) descreve determinados princípios que o caracterizam. São eles: i) princípio de raridade - considerando que nem tudo pode ser dito, o que é efetivamente produzido constitui uma raridade dentro de tantas outras possibilidades de enunciação: ii) princípio da exterioridade - refere-se à necessidade de o enunciado ser concebido no interior das multiplicidades das coisas ditas, de modo a compreender a sua irrupção num lugar e num momento específicos; iii) princípio do acúmulo está relacionado aos modos de conservação, retomada e esquecimento de determinados enunciados; iv) princípio da positividade – circunscreve a unidade do enunciado, no decorrer do tempo, na conjunção com o arquivo de um dado momento histórico.

Considerando que os enunciados compõem os discursos, e que esses se inscrevem no interior das formações discursivas, Foucault (2010) descreve a formação de unidades discursivas, as quais, a partir de quatro categorias, irão definir uma determinada formação

discursiva. Nesse sentido, o autor arrola os seguintes conjuntos que formam as unidades do discurso: os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias. Com vistas a dar conta do objeto de análise deste texto, daremos ênfase à formação dos objetos, das modalidades enunciativas e dos conceitos.

A análise desses conjuntos, de acordo com Foucault (2010), permitirá flagrar as regularidades de um discurso. No que concerne à formação dos objetos, ou seja, o regime de existência que caracteriza um dado objeto em um discurso, Foucault (2010) menciona três níveis de análise, quais sejam: as superfícies de emergência - determinam onde os objetos de discurso possam ser nomeados e descridos; ii) instâncias de delimitação - dizem respeito às instâncias sociais que estão autorizadas a falar sobre um dado objeto; iii) grades de especificação referem-se a sistemas segundo os quais se pode separar, opor, correlacionar e derivar objetos de discurso.

Além da formação dos objetos, Foucault (2010) defende que, no método arqueológico, é preciso estar sensível às peculiaridades do estatuto do sujeito que fala, de maneira a descrever a formação das modalidades enunciativas. Assim, o autor advoga em favor da necessidade de investigar o estatuto do sujeito que fala, o lugar institucional a partir do qual o sujeito enuncia, bem como as diferentes variações a que está suscetível a posição do sujeito no discurso. De modo mais específico, Foucault vai questionar: "[...]

quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter essa espécie de linguagem?" (2010, p. 57). Além disso, é relevante pensarmos, a partir de Foucault, que os lugares a que o sujeito recorre para enunciar são mutáveis, ao longo da história; de modo análogo, as variações na posição que enuncia também são contingentes, embaladas sob o ritmo das diferentes conjunturas históricas e sociais.

Acerca da formação dos conceitos, Foucault (2010) admite que é preciso descrever a organização do campo de enunciados em que os conceitos aparecem e circulam. Essa organização comporta, dentre outros elementos, as diversas disposições das séries enunciativas, os diversos tipos de correlação dos enunciados e as formas de coexistência do campo enunciativo. A disposição das séries compreende, por exemplo, a ordem das descrições, os esquemas de generalização ou de especificação que formam os conceitos. Os diversos tipos de correlação dos enunciados pressupõem modos de organização desses enunciados, em que se pode aferir se é possível ou não superpô-los no processo de formação dos conceitos. Já as formas de coexistência sinalizam para um campo de presença, concernente a enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade, e apontam para um campo de concomitância, que se refere a domínios de "objetos totalmente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos" (FOUCAULT, 2010, p. 64), mas que atuam na constituição de um dado enunciado. Por fim, as formas de coexistência do campo enunciativo compreendem um domínio de memória que estabelecem laços de filiação, continuidade, descontinuidade e transformação de enunciados, ao longo do tempo.

As considerações até aqui expressas integram o arsenal teórico construído por Foucault (2010) na construção do método arqueológico de análise. Porém, para compreendermos a relação entre discurso e subjetividade em Foucault, é preciso ir além desse método, sem, contudo, prescindir dele, de modo a acompanhar de modo mais detido as investigações que esse autor empreendeu nos seus últimos escritos, nos quais o sujeito e, portanto, a produção do que o autor denomina de modos de subjetivação aparecem de modo mais evidente.

Assim, tradicionalmente, para efeitos de organização do pensamento desse pensador francês, a sua obra é dividida em três momentos. Um momento arqueológico, em que as reflexões concentram-se sobre a questão dos saberes que embasam a cultura ocidental; vislumbramos, em seguida, uma fase genealógica, na qual foram desenvolvidos estudos sobre a prisão, o sistema carcerário, o poder, a disciplina, etc. Aqui, o discurso é considerado como um conjunto de enunciados polêmicos e estratégicos que integram as malhas do poder, que perpassam as relações entre os sujeitos (FERNANDES, 2012). No terceiro momento, temos a

denominada estética da existência, cuja preocupação repousa sobre questões como governamentalidade, sexualidade, governo de si, técnicas de si, e a consequente construção de uma ética e estética de si.

O fio que entrelaça essa rede de reflexões foucaultianas, aparentemente esparsa, encontra-se no fato de esse pensador conceber o sujeito como o foco de suas abordagens. O próprio Foucault admitiu que seu objetivo fora "criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos" (1995, p. 231). Para tanto, ele reconhece diferentes modos de objetivação dos sujeitos, que se encadeiam a saberes, como a filologia, a economia e a biologia, e às práticas divisoras que propõem uma cisão entre o louco e o são, o normal e o patológico, por exemplo, ao modo pelo qual os homens se reconhecem como sujeitos de sexualidade. Trata-se, nas palavras de Foucault, de "trazar una historia de las diferentes maneras em que, nuestra cultura, los hombres han desarrollado un saber acerca de si mismos" (1990, p. 47).

Em linhas gerais, o sujeito pode ser visto, na esteira de Foucault (2002), como uma construção que se efetua por meio de contingências histórico-sociais alicerçadas na conjunção de saberes e poderes; noutros termos, o sujeito constitui-se no interior da história. Trata-se, pois, de um sujeito que não é dado *a priori*, mas que se molda no limiar de práticas e discursos. Vemos emergir nessa teia o funcio-

namento dos discursos, porquanto que são exteriores aos sujeitos, atua como o motriz dos dispositivos possibilitadores de constituição e produção de subjetividade (FERNANDES, 2012). Nesse ínterim, desponta a necessidade de pensar a análise do discurso, tomando como ponto de sustentação a tese foucaultiana de que os modos de subjetivação dão a ver sujeitos singulares. Esse processo ocorre nas/pelas estratégias discursivas utilizadas por determinados dispositivos da contemporaneidade, como a mídia.

Além disso, Foucault apregoa uma perspectiva de sujeito que se distancia da noção de sujeito cartesiano, racional e consciente, pois concebe o sujeito como função, lugar no discurso, "heterogêneo em sua própria constituição e, por isso mesmo, fragmentado, cindido [...]" (CO-RACINI, 2007, p. 17). Em outros termos, trata-se de um sujeito em constante transformação, afetado tanto pelas relações de poder como pelas possibilidades de resistência. Nessa via, as relações de poder definem o que pode e deve ser dito, ou seja, em quais circunstâncias socio--históricas é possível falar sobre um dado objeto discursivo. Entendemos, portanto, que a produção dos discursos não está incólume à questão do poder, mas estão especialmente interligadas.

Importante enfatizar que o poder em Foucault não é nem fonte nem origem do discurso, mas "alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder" (FOU-

CAULT, 2006b, p. 157). Sob essa ótica, o poder se constitui por meio de relações entre os indivíduos. O que define essas relações de poder é um modo de ação que não age de modo direto sobre os outros, mas que age sobre as próprias ações dos sujeitos (FOUCAULT, 1995). Nesse sentido, o poder não se encontra em um lugar específico do qual emanaria, mas atravessa de maneira difusa todo o corpo social.

Embora a temática do sujeito abarque a multiplicidade da obra foucaultiana, conforme já aventamos anteriormente, é indisfarçável apontar para o modo que a preocupação com o sujeito está contemplada nas últimas reflexões do filósofo francês, notadamente a partir das teorizações concernentes à sexualidade e à ética. Nesse sentido, os interesses de Foucault estarão centrados na escavação histórica das maneiras pelas quais os sujeitos relacionaram-se consigo mesmos, por meio de uma ética, no interior de uma série de prescrições e códigos morais, culturalmente localizáveis nas continuidades e descontinuidades da história, desde os gregos e romanos até os primeiros anos da era cristã, consoante denotam nos últimos dois volumes da obra História da sexualidade. Segundo Díaz, Foucault considera que o sujeito do conhecimento constitui-se "segundo a episteme de sua época, e o sujeito configura-se às relações de poder conforme os dispositivos de força no qual está inserido" (2012, p. 160). Em linhas gerais, as reflexões foucaultianas, no inventário da história da sexualidade, vão se encaminhar no sentido de atentar para as práticas e discursos que fazem com os sujeitos sejam reconhecidos como sujeitos do desejo.

Em tal empreitada, Foucault vai percorrer tratados e outros documentos históricos em que se pode observar determinadas técnicas de saber-poder, produtoras de certos modos de subjetivação, que visam, sobretudo, à estilização da vida. O pensador francês fala-nos, em várias declarações, vindas a lume pouco tempo antes de seu desaparecimento físico, de "fazer da vida uma obra de arte". Nessa lógica, o retorno aos antigos não supõe buscar uma forma originária e desejável de existência, mas, antes, preconiza uma atitude experimental da filosofia, por meio de um trabalho de nós mesmos enquanto seres livres, de um desprendimento de si mesmo, para pensar diferentemente do que pensamos e perceber diferentemente o que vemos, conforme salienta Portocarrero (2008). Em outras palavras, em cada momento histórico, o sujeito vai se relacionar consigo mesmo e com os outros de um modo distinto, sem, contudo, inaugurar um modo totalmente diferente de se relacionar com uma dada ética da existência.

A subjetividade e a beleza em discurso

Conforme afirmamos na introdução, o exercício analítico aqui proposto engloba quatro materialidades, a saber: um depoimento veiculado no *site* Papo

de Homem, uma reportagem publicada na revista Época, um vídeo de uma campanha publicitária de O Boticário e uma notícia que circulou no site Bahia Notícias. Seguiremos essa ordem na consecução das análises.

Nesse sentido, comecemos pelo depoimento, cuio tom confessional constitui uma seção do site Papo de Homem, para a qual os homens trans ou cisgêneros enviam suas dúvidas, inquietações, angústias, à espera de um discurso especializado a ser publicado pelos sujeitos que, do ponto de vista institucional, falam em nome do site, de maneira a delatar o funcionamento das modalidades enunciativas. Esse *site*, conforme aparece na seção Nossa visão, tem como objetivo a produção de conteúdo que extrapole o que o site denomina de cultura do entretenimento, com vistas a estimular o pensamento crítico e a ação. O site faz circular discursividades que constroem o chamado novo homem (NAVARRO, 2008), ou seja, a constituição, por meio de uma série de técnicas de saber-poder, de certa identidade para o homem que procura se distanciar de determinadas cristalizações acerca da masculinidade atrelada à violência e/ou à brutalidade.

Assim, no interior desse regime de existência (FOUCAULT, 2010) que emoldura discursos acerca do homem, enxertamos o depoimento a ser analisado. Intitulado Sou rejeitado porque sou feio, o depoimento insere-se no âmbito de uma coluna denominada ID, que, de acordo com a descrição, consta na parte

inferior da página, não se trata de uma terapia, mas de um apoio, um incentivo, uma provocação, um aconselhamento. Mesmo que o sujeito enunciador tente se distanciar de determinados saberes que poderiam incluí-lo nos domínios do saber terapêutico e/ou psicanalítico, a constituição discursiva dos dizeres inscritos no site nos permite associar, por meio dos tipos de correlação dos enunciados (FOU-CAULT, 2010), determinadas similitudes com o discurso da terapia, de um saber clínico e especializado. Nesse sentido, a própria confissão, corporificada na tessitura enunciativa do depoimento, bem como os direcionamentos propostos pelo site parecem assinalar essa relação. O sujeito que enuncia no depoimento, de modo anônimo, relata de maneira precisa a relação conflituosa com a beleza, mas precisamente com o que o sujeito vai considerar como um distanciamento inalienável do que é concebido o padrão de beleza. Vejamos alguns recortes do referido depoimento.

Tenho sérios problemas com a minha aparência. Ok, entendo que essa não é uma questão pouco usual e que existem centenas de artigos por aí enaltecendo o 'amor próprio' como solução. No entanto, meu caso é um pouquinho mais profundo. Não sou feio por descuido. Eu sou um feio três vezes acima da Rossy de Palma, não há como escapar. [...] No primeiro ano [do ensino médio], me apaixonei por um garoto que sentava perto de mim [...] O chamei num canto e contei tudo. Depois de cinco minutos em silêncio. ele respondeu: 'mas você é tão feio'... Fiquei sem reação, pedi desculpas e fui embora. Na semana seguinte, perguntei pra uma colega se eu era realmente feio. Ela enrolou dizendo que 'o que importava era o interior'

e tudo mais. Pedi pra ser sincera. 'Sim, você é feio. E não é pouco'.

[...] Me isolei por completo, numa tristeza profunda, até o final do ano. Foi horrível. [...] Agora estou aqui. Tenho faltado muito

na universidade, me isolando de novo. Pensei em me matar três vezes. Não o fiz por medo do que aconteceria com minha mãe. Quero um conselho, qualquer coisa. As respostas que vejo para meu problema são pré-fabricadas. Por favor (SOU..., © 2006).

Na formação da beleza como um objeto de discurso, a posição sujeito que enuncia aponta para o funcionamento de grades de especificação, a partir das quais podemos associar a beleza com outros objetos, com outros discursos. Quando o sujeito reconhece que é ciente de que "existem centenas de artigos por aí enaltecendo o 'amor próprio' como solução", bem como se depara com a tentativa frustrada da amiga de não ser tão sincera ante a interpelação do sujeito enunciador, alegando que "o que importava era o amor próprio", podemos reconhecer a formação da beleza a partir de uma determinada ótica, segundo a qual a aparência física não representa um aspecto tão peremptório na constituição do sujeito, na medida em que valores de cunho moral, por exemplo, que estariam divorciados da beleza física, sobrelevariam quaisquer desajustes do ponto de vista da aparência.

Os enunciados apontam para a construção que o sujeito enunciador faz de si e, portanto, assinalam uma forma de subjetividade, relacionando-se, em um campo associado, a enunciados que provêm de vários lugares. Assim, ao

se comparar, em tom exagerado, com a atriz e modelo Rossy de Palma, conhecida por apresentar traços que remetem aos quadros de Picasso e pela recusa em fazer qualquer tipo de intervenção cirúrgica, ela é concebida pelo sujeito enunciador como antípoda do padrão de beleza. Pode-se observar, a partir do que Foucault (2010) denomina de formas de coexistência de enunciados, a beleza sendo caracterizada por meio de uma relação com enunciados que constroem os símbolos de beleza, emoldurados por meio da mídia, da moda e de uma difusão imensa no imaginário das massas da beleza como um mundo de sonho (SUQUET, 2008), em que a imagem de Palma vai servir como o avesso disso. Ao postular que é "três vezes acima da Rossy de Palma", a posição que enuncia fornece pistas de uma condição da qual ele não pode fugir, pois se trata de uma ausência total de qualquer traço relativo ao belo. As situações frustradas relatadas no depoimento irão corroborar esse modo de enunciar acerca da ausência de beleza.

Nesse sentido, os discursos citados no decurso do depoimento são vozes que sentenciam a inadequação do sujeito enunciador no interior de um ideário de beleza (VIGARELLO, 2006). A fala do garoto por quem o sujeito demonstrou um interesse afetivo, na conjunção com o tom sincero da amiga ("Sim você é feio. E não é pouco"), demonstra a necessidade de o sujeito constituir-se a partir do olhar do outro. Importa, desse modo, quem fala, de acordo com o que propõe

Foucault (2010), pois a voz da amiga, ao enunciar por meio desse lugar, acaba por ratificar a voz do garoto que o rejeitara, lugar marcado por certo distanciamento. Essas vozes, em uníssono, irão ser responsáveis por fazer com que o sujeito se relacione consigo mesmo, conforme nos lembra Foucault (2006a), a partir da relação com uma exterioridade.

O isolamento do sujeito, em função da constatação inequívoca de que lhe faltam atributos relativos à beleza, denota a formação de uma subjetividade abjeta, marginalizada, excluída, anormal, haja vista a imagem negativa que o sujeito faz de si mesmo, reiterada pelo discurso do outro, por posicionamentos sociais que o inserem em uma posição periférica e de exclusão. A posição que enuncia vai atrelar a falta de beleza ao fracasso, à solidão, ao desamparo, à rejeição, refletindo-se, portanto, nas tentativas de suicídio e na busca por auxílio.

O tom de desespero do sujeito enunciador, desejoso de qualquer coisa prenhe de respostas e soluções que sejam sensíveis às particularidades que o caracterizam, insere tal sujeito no interior de enunciados relativos à doença. Ao pensarmos no princípio do acúmulo, conforme discutido no tópico anterior, é possível articular os sentidos do depoimento, em um plano mais genérico, com determinados enunciados, que são conservados, no decorrer do tempo, por materialidades repetíveis, e associam ausência de beleza com doença (ECO, 2007). Assim, a expressão corrente

"doente de feio" e suas correlatas nos fornecem pistas de um modo de enunciar acerca da falta de beleza como uma relação de contiguidade com a doença, que, a despeito de estar em sentido figurado, não deixa de remeter à imagem de uma pessoa feia como alguém doente em potencial, e, por conta disso, insere esse sujeito em um lugar digno de pena e, em última instância, de zombaria, de escárnio. Uma situação que ilustra essa questão diz respeito ao fato de, no relato. o sujeito ficar sem reação, ante a rejeição do garoto por quem se interessara, e pedir desculpas pela aproximação. Esse pedido pode ser entendido como uma espécie de constatação do sujeito de seu problema congênito, posteriormente corroborado em vários momentos.

Para comprovar esse posicionamento que articula beleza a uma subjetividade bem-sucedida, conforme compactuado pela posição do sujeito enunciador no depoimento, vejamos alguns excertos de uma reportagem intitulada A beleza compensa, publicada no site da revista Época.

Novos estudos mostram que aparência é fator determinante no sucesso profissional - e que não há nada de errado em usá-la [...]. Amparadas em dezenas de pesquisas e cuidadosamente embaladas para causar impacto, as duas obras [obras estrangeiras recentemente publicadas] sustentam, com abordagens diferentes, a mesma tese: tanto na vida pessoal quanto na profissional, as pessoas bonitas obtêm vantagens econômicas quantificáveis. Sempre se soube que os seres humanos excepcionalmente bonitos obtêm vantagens econômicas quantificáveis. Agora o senso comum tornou-se mensurável. [...] Hamermesh [refere-se ao economista americano Daniel Hamermesh] diz que o

favorecimento aos belos é perceptível na renda de advogados, publicitários e até mesmo criminosos. Ladrões com uma aparência assustadora, diz ele, são mais frequentes nos arquivos policiais que aqueles com boa aparência. Não é impossível que a rejeição pela feiura tenha contribuído para empurrá-los a esse ramo de atividade.

[...] Existe um adicional de beleza que é pago por toda parte, indiscriminadamente. Por quê? Ninguém consegue explicar, mas as pessoas parecem sentir-se melhor na presença de seres humanos bonitos. Eles criam uma sensação de bem-estar ao redor que pode afetar positivamente a produtividade. [...] A esta altura da discussão, o leitor – ou leitora – deve estar se perguntando qual é, afinal, seu capital erótico e o que pode ser feito para elevá-lo. A primeira parte é fácil: peça a um observador neutro para avaliá-la (ou avaliá-lo) com nota de 1 a 5 [...] (MAR-TINS; PEROSA, 2011, não paginado).

Para enunciar, a posição sujeito da reportagem ancora-se naquilo que Foucault denomina de instância de delimitação. Dito de forma mais específica, a reportagem, ao dissertar a respeito da beleza como ingrediente determinante para o êxito profissional, leva em consideração os saberes que emergem de uma obra do economista norte-americano Daniel Hamermesh (O valor da beleza: por que as pessoas atraentes têm mais sucesso) e do livro *Dinheiro doce*: o poder do capital erótico, da socióloga inglesa Catherine Hackim. Segundo esses autores, a influência da beleza é inalienável na consecucão de uma carreira bem-sucedida.

Essa instância de delimitação denota o caráter singular desse modo de enunciar a beleza, na medida em que se trata de pensar a influência da beleza na construção da carreira, a partir de pesquisas científicas, de modo a corroborar com especulações do senso comum, outra instância de delimitação de enunciados acerca da beleza ("Agora o senso comum tornou-se mensurável"). A reportagem credibiliza o seu dizer, com base na formação de modalidades enunciativas, por meio da referência às duas obras mencionadas, com vistas a postular a tese defendida por tais obras. No entanto, pensando a partir de Foucault (2010) acerca das variações no plano da fala, a posição enunciativa desse texto também ocupa vários lugares.

Destacamos, a um só tempo, a referência às obras de Hamermesh e de Hackim, e a constituição de dizeres que apontam para o campo da indefinição ("ninguém consegue explicar"), de modo a compor uma curiosa simbiose nos planos de fala, pois temos, de um lado, uma voz objetiva, calcada em um saber científico, e, de outro, uma voz que se insere no cerne da especulação. Todavia, essas vozes não estão em posições antagônicas, pelo contrário, elas se confluem na enunciação de um ponto de vista: o papel fundante da beleza na construção de um sujeito de sucesso, de maneira a apontar para determinadas condições de possibilidade responsáveis pelo princípio de exterioridade desses enunciados acerca da beleza, ou seja, esses enunciados que reiteram o vínculo beleza e o sucesso profissional estão articulados às peculiaridades do momento histórico atual.

Há, desse modo, a formação de um laço muito profícuo entre a produção de

uma subjetividade exitosa e a ostentação da beleza. Na produção desse discurso, entra em jogo todo um saber do campo dos negócios e da economia. A utilização de termos como "adicional de beleza" e "capital erótico" denota a correlação com enunciados que provêm de outros lugares, na construção da beleza como um objeto de discurso.

O entroncamento da beleza com esse discurso de cunho empresarial, a partir das inflexões do modelo empresarial na constituição das subjetividades contemporâneas no cerne da sociedade de controle, conforme destaca Deleuze (2006), vai deflagrar a produção de sujeitos que são empreendedores de si mesmos, gestores da própria carreira. Nesse caso, a reportagem permite-nos constatar que os sujeitos belos já possuem uma característica, muitas vezes, decisiva na acirrada disputa do mundo dos negócios. Em passagens como "eles criam uma sensação de bem-estar ao redor que pode afetar a produtividade", podemos evidenciar essa assertiva, pois a reiteração do aspecto quantitativo (possível aumento da produtividade) enlaça tais enunciados ao campo empresarial.

A variação das posições de sujeito no discurso da reportagem permite-nos entrever uma posição que explica, a partir das obras antes referidas, uma posição que especula a respeito do "adicional de beleza" e uma posição que interpela o leitor a fazer uma espécie de teste, no intuito de aferir o chamado "capital erótico". O leitor é, então, instigado a passar

pelo jugo do olhar do outro, a partir de critérios estabelecidos, em um quadro que se encontra na parte superior da reportagem. Esse quadro é composto por uma escala de um a cinco, na qual estão dispostas determinadas características de pessoas de sucesso e o modo como a beleza interfere nesse processo. Assim, esse quadro apresenta desde sujeitos comuns a pessoas extremamente famosas, utilizando fotografias e breves descrições acerca desses sujeitos, concebidos como exemplares prototípicos da beleza como instrumento de poder e, em virtude disso, estão autorizados a produzir um discurso que legitima a tese defendida na reportagem.

Para descrever o êxito da empresária e arquiteta Fernanda Marques, o sujeito enunciador explicita: "Filha de uma família de industriais. Fernanda estudou em excelentes escolas de São Paulo e começou a carreira num grande escritório. Hoje, toca três negócios simultaneamente". Diante da trajetória vitoriosa da empresária e arquiteta, o sujeito enunciador completa, em discurso indireto, "Diz que a beleza abre portas, mas só o conteúdo as mantém abertas" (MARTINS; PEROSA, 2011, não paginado). Ainda que a fala da entrevistada relativize a beleza per si, a forma como o sujeito enunciador a apresenta acaba por considerar a beleza como um dos principais trunfos da sua carreira gloriosa.

Na caracterização do jogador de futebol David Beckham, temos: "Bonito, atlético e descolado, tornou-se um símbolo sexual e uma celebridade com apelo publicitário. Sem jogar tanto, lidera o ranking dos jogadores mais bem pagos do mundo". Nesse caso, a beleza do jogador foi responsável por alcá-lo ao posto de celebridade com um altíssimo grau de poder,3 sobrepondo-se, inclusive, à performance mediana desse atleta, cujo capital erótico, conforme determina a reportagem, ocupa a posição máxima da escala. Esse aspecto delineia a raridade enunciativa de que fala Foucault (2010), tendo em vista que, de uma miríade de sujeitos cuja trajetória profissional poderia ter sido mencionada, a escolha por esses sujeitos denuncia a singularidade desses enunciados.

A reportagem, em sua totalidade, reforça, seja no tratamento iterativo conferido aos livros de Hamermesh e Hackim. seja na interpelação do sujeito leitor para se autoavaliar, a lançar um olhar sobre si, de afetar-se por uma tecnologia do eu, no intuito de saber seu índice numérico de beleza, a proximidade da relação entre beleza e sucesso profissional. Os enunciados da reportagem, em espiral, vão compor um discurso que convoca os sujeitos a tomarem-se como um objeto de análise, a direcionarem sobre si um conjunto de técnicas, com vistas a produzir uma subjetividade em sintonia com os saberes e práticas da atualidade, os quais vão apontar para a premência das performances individuais, para a gestão calculista de si. Em síntese, quando a posição sujeito da reportagem esclarece que "não há nada de errado em usá--la", referindo-se à beleza como uma estratégia a serviço do sucesso, tem-se a proposição de uma ética e estética de si (FOUCAULT, 2006a), pois o sujeito está suscetível a uma moral. Em outros termos, essa posição defende que o sujeito pode usufruir das benesses da aparência sem que isso desemboque na consecução de condutas desonestas.

A beleza como tática, permeando as relações de poder (FOUCAULT, 1995), constitui uma regularidade na terceira materialidade da análise aqui esboçada. O vídeo da campanha Acredite na beleza, da empresa de cosméticos O Boticário, tem como subtítulo "A linda ex". Trata-se de um filme, com quase três minutos de duração, que, em linhas gerais, aposta na beleza feminina como uma forma de superação de problemas advindos da separação conjugal. O filme começa com os seguintes dizeres: "Três casais de verdade. As mulheres sabiam de tudo. Os homens, de quase tudo". Em seguida, ao vermos várias fotos de casais, espalhadas sobre uma mesa, com o som da marcha nupcial ao fundo, aparece, aos poucos, a inscrição verbal: "O Boticário acredita na beleza. E decidiu ajudar algumas mulheres num momento especial: Quando elas se separam". No momento em que aparece esta última oração, de maneira abrupta, a marcha nupcial dá lugar ao silêncio, e o vídeo mostra a fotografia de um casal expressando indiferença, se cotejarmos com os registros visuais radiantes de outrora.

Posteriormente, tem-se a sucessão de uma série de confissões e relatos de três casais sobre as crises conjugais que levaram ao esfriamento da relação.

Os maridos alegam, por exemplo, que, com o tempo, deixaram de notar as suas esposas e de elogiá-las. Um deles chega a afirmar: "Com a rotina, acaba ficando comum você tá do lado daquela pessoa. Deixa de ser atrativo!". Após esse momento confessional, a voz de um entrevistador, cujo rosto não aparece, propõe que as mulheres façam o seguinte teste: arrumem-se de tal modo que no dia da assinatura dos seus respectivos divórcios, os homens repensam a decisão acerca da separação. Assim, no vídeo, é dado a ver, ao som de uma música descontraída, mulheres sendo apressadamente adornadas com roupas escolhidas por profissionais especializados, maquiadas com produtos da marca anunciada na campanha, demonstrando altivez ao se olharem no espelho.

A beleza incrementada por meio da larga utilização de cosméticos e outros produtos de embelezamento faz emergir aguilo que Sant'Anna (2014) denomina de empresários da aparência. Trata-se, nos dizeres da autora, de um conjunto de técnicas responsáveis por propor um cuidado ininterrupto com o corpo e com a aparência, a partir de certo chamamento, segundo o qual todos podem tornar--se belos - em maior ou menor grau. No caso da campanha em foco, esse cuidado exercerá um papel preponderante no âmbito das relações conjugais. O título da campanha (Acredite na beleza) encadeia--se, em um campo associado, a outras formulações concernentes à necessidade de acreditar no potencial, no talento de cada um, de maneira a interpelar o sujeito a quem a campanha se endereça a construir uma imagem bem cuidada de si e apostar nas possibilidades que esse cuidado traz consigo.

Dessa forma, as mulheres, ao comparecerem, repaginadas, no dia da assinatura do divórcio, em função dos serviços e produtos ofertados pela marca anunciada, deixam os homens atônitos. que parecem demonstrar arrependimento na hora de finalizar o processo de separação. Nesse sentido, a constituição de alguns elementos no âmbito do audiovisual aponta para esse sentimento. No momento em que as mulheres chegam, ouvem-se as confissões dos maridos acerca dos motivos da separação, e. de modo ubíquo, mostra-se seus rostos despontados e surpresos, como se a beleza feminina estivesse promovendo uma vingança para com os maridos. As mulheres, por sua vez, demonstram-se seguras e não titubeiam em assinar. Nesse momento. aparecem na tela os dizeres: "Tudo pode acabar. Menos sua autoconfiança". As três dão pequenos depoimentos, no final. Uma delas assevera: "Linda, arrasando e pronta pra seguir em frente".

Com base na campanha de O Boticário, entendemos que a construção da beleza entra em jogo como uma tática, por meio da qual o sujeito opera uma transformação sobre si, por meio de técnicas e saberes. A posição que enuncia no vídeo, bem como a voz dos sujeitos envolvidos (homens e mulheres), tece dizeres que sinalizam para o poder de uma beleza, especialmente feminina, emoldurada sob

a ótica de discursos e práticas atreladas ao discurso da moda, da indústria de cosméticos, do consumo, dentre outros. Considerando que a publicidade figura como uma das vozes mais ativas na ocupação de espaços públicos de consumo (WITZEL, 2011), a campanha em foco sugere que a aquisição de produtos que visam a restaurar e/ou realcar a beleza feminina constitui uma condição para a emergência de subjetividades felizes e bem-sucedidas. A forma como as mulheres são retratadas no vídeo corrobora essa constatação, pois, ao cotejarmos a expressão cabisbaixa das mulheres no início do vídeo com o aspecto vigoroso de suas faces ao final do filme, observamos uma diferença substancial.

A última materialidade selecionada para análise vai situar o discurso sobre a beleza no interior de práticas e relações de poder. Trata-se de uma notícia, veiculada no site Bahia Notícia, que retoma dois episódios: a polêmica engendrada a partir de uma música do cantor de axé Bell Marques, considerada racista, e a postagem, no Facebook, do governo da Bahia acerca da música em questão. Eis a notícia:

Você é linda do jeito que é: governo rebate música polêmica de Bell Marques

O governo da Bahia, por meio da página Sou mais Bahia no Facebook, resolveu se posicionar a favor da valorização da cultura afro-baiana, rebatendo a mensagem supostamente racista da nova música de Bell Marques, "Cabelo de chapinha". "Cabelo crespo, liso, dread, black power... Ô mainha! Você é linda do seu jeito!", diz a publicação. O lançamento da canção rendeu polêmicas durante a semana, quando os cantores e

compositores Escandurras, Fagner e Gileno foram acusados de racistas em versos como: "Ô mainha, mas eu só gosto do cabelo de chapinha, mainha/Ô tá liso, tá lisinho. Tá liso, ta lisinho".

Antes da resposta do governo, Bell Marques se pronunciou nas redes, tentando se explicar: "Essa música nova, "Cabelo de Chapinha", está sendo cantada nos quatro cantos do Brasil e isso mostra sua aceitação sem 'mas' nem 'porquês'. É uma canção na qual o compositor se inspirou num personagem que adora sua parceira e lhe pede com carinho. do jeito que ele gosta. Muito boa essa forma gentil que o compositor encontrou para enaltecer sua amada e que deveríamos aplaudir. pois é essa mensagem da música: gentileza e amor. Tenho certeza que foi dessa forma que grande parte do público entendeu, por isso, a música teve uma aceitação tão rápida" (VOCÊ..., 2015, não paginado).

A priori, é preciso enfatizar que a notícia contempla uma multiplicidade de vozes e de posicionamentos discursivos na construção de discursos sobre a beleza. Assim, se por um lado, temos a voz do sujeito que enuncia na notícia e relata os fatos, sob um tom observador, temos, por outro lado, as vozes corporificadas nos discursos citados: o trecho da música de Bell Marques, a postagem do governo da Bahia no Facebook e o esclarecimento do cantor Bell Marques. Essas diferentes vozes são representativas de diferentes olhares sobre a constituição da beleza negra. O trecho da música Cabelo de chapinha toma como superfície de emergência o alisamento do cabelo crespo como uma forma de agradar o sujeito que enuncia e, desse modo, construir um dizer sobre a beleza da mulher negra ou parda. Esse posicionamento em relação à beleza negra vai de encontro

de uma série de discursividades que sinalizam para autoafirmação do negro, a partir das políticas de valorização da negritude,⁴ dentre as quais se encontra a necessidade de se posicionar de modo contrário a qualquer tentativa de embranquecimento do negro.

São essas políticas que embasam a postura adotada pelo governo da Bahia na postagem do Facebook, na medida em que defende "você é linda do seu jeito", independentemente da aparência capilar. Esse posicionamento é tributário de um modo de enunciar a beleza responsável por relativizar a busca obsessiva pelo padrão vigente, no caso o cabelo liso, inserindo-o no rol de outras possibilidades de modificação capilar igualmente aceitas.

Já o posicionamento do cantor Bell Marques procura elidir qualquer interpretação que remeta a uma postura racista por parte da música. Ao explicar o processo de composição dessa canção, a posição sujeito salienta que a preferência pelo liso não está atrelada a uma conduta racista, mas, antes, delineia um gosto do sujeito que admira a sua parceira. Ainda de acordo com essa posição, a atmosfera amorosa predominante na música não daria margem a qualquer indício de preconceito. O cantor ainda ressalta que o público foi receptivo em relação à música, pois inexistem elementos que poderiam apontar para uma atitude racista. Em um campo associado, esses enunciados vão se relacionar com uma série de outras formulações concernentes aos pronunciamentos que visam salvaguardar uma imagem pública.

Com base em Foucault, para quem o discurso integra-se ao sujeito e "comanda suas ações, fazendo parte de seus músculos e nervos" (2006a, p. 394), convém apontar para a produção de subjetividade nos discursos e práticas em torno da beleza negra. Podemos observar, desse modo, a emergência de subjetividades em conformidade com o padrão (compulsório!) do alisamento capilar, de acordo com o que é propugnado pela letra da música cantada por Bell Marques, bem como a produção de subjetividade em confluência com o discurso da autoafirmação negra, consoante defendido na postagem do governo da Bahia. Em síntese, esses discursos vão demarcar, em maior ou menor grau, lugares a partir dos quais o sujeito pode se relacionar com a beleza de diferentes formas.

Considerações finais

A sua beleza é bem maior De que qualquer beleza De qualquer salão... (Zeca Baleiro, ©2003-2016).

O artigo ora finalizado teve como objetivo estudar os modos por meio dos quais são produzidas subjetividades na atualidade, a partir da intersecção com discursos e práticas em torno da beleza. Nesse sentido, partimos do arsenal teórico-metodológico proveniente das reflexões de Michel Foucault, cujas ressonâncias incidem sobre uma perspectiva

de análise do discurso que tem ganhado força no cenário teórico brasileiro.

A partir de Foucault (2006a), compreendemos que a subjetividade é construída por meio de discursos, poderes e saberes que capturam os sujeitos, ao longo da história. Ao pensarmos em uma constelação de dizeres em torno da beleza, foi necessário delimitar um *corpus*, que tornou visível um recorte bastante singular dos discursos sobre a beleza na atualidade. Desse modo, analisamos quatro materialidades veiculadas na internet, que sinalizam para diferentes posicionamentos acerca da beleza e da relação que os sujeitos contemporâneos estabelecem com ela.

Em que pesem as diferentes particularidades de cada materialidade estudada, algumas regularidades podem ser verificadas. Assim, em todas as materialidades, foi possível constatar que os dizeres sobre a beleza atuam na produção de subjetividades singulares. Recapitulando brevemente cada uma delas, vamos aferir que, no caso da primeira materialidade, há todo um saber que pontua um padrão de beleza, ao qual o sujeito que enuncia no depoimento não tem acesso, daí emergem o sofrimento e a rejeição; na segunda, a beleza é apresentada como o passaporte para o sucesso no âmbito dos negócios, de maneira que o sujeito enunciador não mede esforços em convencer o leitor a compactuar com tal posicionamento e, dessa forma, utilizar a beleza com uma finalidade mais prática ou utilitarista; na terceira, a beleza, metamorfoseada pelo apelo ao consumo de produtos estéticos, produz subjetividades intimamente relacionadas com o consumo de produtos de embelezamento e com o discurso da superação; por fim, a última materialidade insere o discurso sobre a beleza em uma seara polêmica, na qual um determinado tipo de beleza entra em um território de lutas e contestações, e a subjetividade brota dessas dissensões.

Essa retomada das idiossincrasias das materialidades investigadas, em uma posição que as entrelaça numa cadeia enunciativa mais vasta, permite--nos entrever os modos de produção de discursos sobre a beleza de enunciados que estratificam esse objeto, de posições enunciativas que sobre ele falam e de outros discursos aos quais se ligam. Voltando a Narciso, é imperioso pensarmos em como o mito grego diz das relações embrionárias que o sujeito estabelece com as imagens de si, com a beleza real, imaginária e/ou desejada. Ao sermos capturados por discursos que determinam o que devemos ser, tornamo-nos órfãos, sempre à espera da face narcísica que nos escapa.

Orphans from Narcissus: subjectivity and beauty in current discourses and practices

Abstract

Following a predominantly foucauldian approach, the article analyses how some kinds of subjectivity emerge in discourses and practices about beauty. For this, we analyze four materialities that circulated in the digital network (a testimony, a report, an advertising campaign and news). From the methodological point of view, this work is enrolled in a descriptiveinterpretative research and adopts a qualitative approach. The *corpus* analyses show that, in the different positionings around beauty, there is the constant production of subjectivity, in modes through which the subject establishes a relation with himself and with the other.

Keywords: Discourse. Subjectivity. Beauty.

Notas

- ¹ Cf. PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGEN-TINI, V. Presenças de Foucault na análise do discurso. São Carlos: EdUFScar, 2014.
- ² Cf. VEYNE, P. Foucault: o pensamento, a pessoa. Trad. Luís Lima. Lisboa: Albin Michel, 2008.
- ³ Cf. SIMÕES, P. O poder de afetação das celebridades. In: FRANÇA, V. et al. *Celebridades no século XXI*: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina. 2014. p. 209-225.
- ⁴ Cf. BRAGA, A. História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

Referências

BALEIRO, Z. Salão de beleza. Letras. ©2003-2016. Disponível em: https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/80231/>. Acesso em: 20. jan. 2016.

BULFINCH, T. O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro*: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

COURTINE, J. J. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUSCar, 2009.

_____. Decifrar o corpo: pensar com Foucault. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, G. Conversações. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

DÍAZ, E. A filosofia de Michel Foucault. Trad. Cesar Candiotto. São Paulo: Unesp. 2012.

ECO, U. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FERNANDES, C. A. Discurso e sujeito em Michel Foucault. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. A hermenêutica do sujeito. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto C. de Melo Machado e Eduardo J. Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

_____. Entrevistas. In: DROIT, R. P. Michel Foucault: entrevistas. Trad. Vera Porto-Carrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Graal, 2006b. p. 25-36.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

_____. Política da verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In: RABINOW, Paul. *Antropologia da razão*: ensaios de Paul Rabinow. Trad. João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 17-26.

_____. *Tecnologías del yo e otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valéria Rohden e Antonio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

KOGAWA, J. Qual a via para a análise do discurso?: uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 59, n. 2, p. 407-417, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/alfa/v59n2/1981-5794-alfa-59-2-0407.pdf. Acesso em: 11 jan. 2016.

LEE, V. *Beleza fria*. Letras. ©2003-2016. Disponível em: https://www.letras.mus.br/vander-lee/beleza-fria/. Acesso em: 20 jan. 2015.

MAZIÈRE, F. L'Analyse du discours. Paris: Presses Universitaries de France, 2005.

MARTINS, I.; PEROSA, T. A beleza compensa. $\acute{E}poca$, 2011. Disponível em: http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2011/09/beleza-compensa.html>. Acesso em: 20 jan. 2016.

NAVARRO, P. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos "líquidos". In: _____. (Org.). O discurso nos domínios da linguagem e da história. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 89-100.

PORTOCARRERO, V. Práticas sociais de divisão e constituição do sujeito. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (Org.). Figuras de Foucault. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 281-295.

SANT'ANNA, D. B. Michel Foucault e os paradoxos do corpo e da história. In: ALBU-QUERQUE JUNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. *Cartografias de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 83-91.

SOU rejeitado porque sou feio | ID #25. Papo de Homem. ©2006. Disponível em: http://papodehomem.com.br/sou-rejeitado-porque-sou-feio-id-24/>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SUQUET, A. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *História do corpo*: as mutações do olhar. Trad. Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3. p. 509-565.

VIGARELLO, G. *História da beleza:* o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VOCÉ é linda do jeito que você é. Governo rebate música polêmica de Bell Marques. Bahia Notícias, 12 dez. 2015. Disponível em: http://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/42207-voce-e-linda-do-jeito-que-voce-e-governo-rebate-musica-polemica-de-bell-marques.html>. Acesso em: 30 dez. 2015.

WITZEL, D. G. Práticas discursivas, redes de memória e identidades do feminino: entre princesas, bruxas e lobos no universo publicitário. 2011. 217 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2011.